

INTELECTUAIS NEGROS NA REPÚBLICA: ASCENSÃO SOCIAL A PARTIR DA PROFISSÃO DOCENTE (1889 - 1930)

*BLACK INTELLECTUALS IN THE REPUBLIC: SOCIAL RISE FROM THE TEACHING
PROFESSION (1889 - 1930)*

**Graciela Castro de Matos¹
Antonieta Miguel²**

RESUMO Este artigo analisa a ascensão social do negro a partir da profissão docente na República (1889 - 1930), bem como a trajetória educacional vivenciada pelos professores negros Alfredo José da Silva, Raquel Pereira Andrade e Francisco José de Sant'Anna que residiram na cidade de Caetité, Tanque Novo e Rio de Contas respectivamente. O estudo voltado para a historiografia da educação do negro é algo muito recente, nesse sentido, a ascensão social de negros a partir da profissão docente se faz de grande relevância para a história do negro, pois permite compreender as táticas (CERTEAU, 2005) utilizadas para burlar as situações de exclusão social num contexto em que o "embranquecimento" caracterizava a política institucional do Estado e a educação constituía um elemento de acesso à cidadania (critério de votação). Como resultado, as investigações apontam para a existência de processos envolvendo escolarização, ascensão social e intelectualidade (SIRINELLI, 2003; VIEIRA, 2008, 2015) do negro no interior da Bahia, em consonância com o contexto nacional de luta dos grupos negros pela escolarização. Enfim, esta pesquisa contribuiu para conhecer a história da educação do negro nos primeiros anos da República, em seus aspectos de exclusão, resistência e inclusão, bem como o exercício de seus direitos. Este estudo utiliza uma metodologia de pesquisa documental, com destaque para as seguintes fontes: fotografias, jornais, revistas de Educação, dentre outros.

Palavras-chave: Profissão docente. Ascensão social. Intelectuais negros. República baiana.

ABSTRACT This article analyzes the social ascension of black people from the teaching profession in the Republic (1889 - 1930), as well as the educational trajectory experienced by black teachers Alfredo José da Silva, Raquel Pereira Andrade and Francisco José de Sant'Anna who lived in the city of Caetité, Tanque Novo and Rio de Contas respectively. The study aimed at the historiography of black education is something very recent, in this sense, the social ascension of black people from the teaching profession is of great relevance to the history of black people, as it allows us to understand the tactics (CERTEAU, 2005) used to circumvent situations of social exclusion in a context in which "whitening" characterized the institutional policy of the State and education constituted an element of access to citizenship (voting criteria). As a result, the investigations point to the existence of processes involving schooling, social ascension and intellectuality (SIRINELLI, 2003; VIEIRA, 2008, 2015) of black people in the interior of Bahia, in line with the national context of the struggle of black groups for schooling. Finally, this research contributed to know the history of black education in the early years of the Republic, in its aspects of exclusion, resistance and inclusion, as well as the exercise of their rights. This study uses a documentary research methodology, highlighting the following sources: photographs, newspapers, education magazines, among others.

Keywords: Teaching profession. Social rise. Black intellectuals. Republic of Bahia.

1.Introdução

Jeruse Romão, na introdução da obra organizada pela autora, *História da Educação do negro e outras histórias* (2005), sexto volume da *Coleção Educação para Todos*, afirmou que a preocupação com o tema da educação dos negros brasileiros por parte das instituições de educação e pesquisa era muito recente. Segundo ela, “parte da ausência explica-se por um lado, pela carência de fontes, recurso central para a história e os historiadores e, por outro, pelo desconhecimento das abordagens e métodos educativos dos pesquisadores e movimentos sociais negros nos país.” (ROMÃO, 2005 p.11).

As pesquisas mais recentes no campo da História da Educação na Bahia, em parte, recusam a ideia de falta de documentos para se investigar os negros na educação/a educação dos negros. Uma pequena mirada para a recente produção historiográfica baiana destaca estudos que tomam professores e professoras primários negros da Bahia que tiveram uma trajetória de engajamento político em prol do abolicionismo, da educação popular e dos direitos da categoria. Os trabalhos de Antonieta Miguel (2021), *O professorado primário da Bahia: formação acadêmica, normatização legal e atuação política (1889-1930)*; Ian Andrade Cavalcante (2020), *Educando libertos, escravizados e operários: a trajetória do professor Cincinato Franca, Bahia 1860-1934*; Fabiano Moreira da Silva (2017), *Professorado municipal de Salvador: queixas, crises e greve (1912-1918)*; Jucimar Cerqueira dos Santos (2017), *Escolas noturnas para trabalhadores na Bahia (1870-1889)*; Daiane Silva Oliveira (2016), *Instrução de pobres e negros em Feira de Santana: as Escolas do professor Geminiano Alves da Costa (1890 a 1920)*; Verônica de Jesus Brandão (2012), *Práticas curriculares nas escolas públicas primárias: um estudo das teses apresentadas nas Conferências Pedagógicas em Salvador (1913-1915)* apontam a existência de intelectuais negros na educação baiana no Império e Primeira República.

Estes trabalhos, por sua vez, seguiram pistas presentes em investigações mais antigas, como as pesquisas da professora Jaci Maria de Ferraz Menezes (1999), *Igualdade e liberdade, pluralismo e cidadania: o acesso à educação dos negros e mestiços na Bahia*; da professora Elizabete Conceição Santana (2009) *A voz dos*

professores baianos no início da República: a Revista do Ensino Primário (1892-1893); da professora Ione Celeste de Jesus Sousa (2006), *Escolas ao povo: experiências de escolarização de pobres na Bahia – 1870 a 1890*; e do professor José Augusto Ramos da Luz (2009), *Um olhar sobre a Educação na Bahia: a salvação pelo ensino primário (1924-1928)*, em que se abordam a inclusão/exclusão da população negra na escola republicana, a escolarização de pobres e a atuação de professores e professoras na política e na educação.

A visibilidade da população negra nesses estudos evidencia dois movimentos importantes para o campo de pesquisa. O primeiro se refere a uma mudança na abordagem do negro pela historiografia da educação brasileira. Segundo Marcus Vinícius Fonseca (2016), parte da historiografia investiu em “interpretações que procuram recuperar a subjetividade dos negros” (p. 24), rompendo com “ideias que excluíram os negros de uma relação com os processos formais de educação” (p. 25).

O segundo aponta para a existência de uma possível intelectualidade de negros e negras docentes que atuou no cenário sócio-político baiano através do exercício de cargos públicos no legislativo e no executivo, na gestão de instituições escolares, na produção de livros/obras didáticas, na direção de entidades sindicais e filantrópicas, na escrita de artigos em diversos jornais, na criação de escolas, na edição de revistas pedagógicas e outras formas de atuação.

O conceito de intelectual admitido neste trabalho toma como referências Jean-François Sirinelli (2003) e Carlos Eduardo Vieira (2008; 2015) que afirmam a noção de engajamento como uma marca importante para caracterizar a intelectualidade de grupos ou indivíduos. A adesão à causa da educação e a participação ativa em assuntos da política local concorrem como formas de atuação política que nos auxiliaram a definir a trajetória destes docentes como de intelectuais de sua época.

Essa constatação não altera o fato de a população negra, em sua maioria, ter permanecido exposta a desvantagens sistemáticas quanto a oportunidades de mobilidade social, de modo que o processo de modernização no país não eliminou a classificação social pela cor. Desde a República o quadro educacional seria o maior expoente disso, revelando a disparidade entre os níveis educacionais e os retornos

obtidos por brancos e negros da mesma origem social, em termos de inserção educacional, ocupacional e renda.

Em consonância com as recentes investigações sobre o negro na educação, apresentamos neste artigo a trajetória educacional de docentes negros que alçaram a postos de destaque no campo intelectual, cujas formações e experiências diversas nos permitem estabelecer uma conexão analítica com as tensões teóricas que circundam o campo de possibilidades da ascensão sociointelectual dos grupos marginalizados, buscando, também, conhecer as estratégias e os caminhos encontrados pelos sujeitos para enfrentar condições institucionalizadas de preconceito, incluindo se tornarem intelectuais e ascender socialmente por meio da profissão docente.

Para tanto, consideramos abordar o percurso destes docentes a partir dos seguintes aspectos: origem social, vida estudantil, perspectivas no processo de formação e aquisição de posições sociais e econômicas. Assim, as trajetórias trazem não somente a marca da engenharia histórica de exclusão racial na sociedade brasileira, mas também os marcadores sociais que promovem uma diferenciação nos moldes de ascensão de pessoas negras.

A educação, entendemos, foi uma dessas táticas (CERTEAU, 2005), visto que, na história das relações étnico-raciais, conferiu significado importante à constituição de trajetórias de ascensão social. O acesso à cultura letrada apareceria como elemento aceitável para romper as cadeias da desigualdade. Diante disso, a escola surgiu como um local de preparação dos indivíduos para a vida em sociedade, devendo, portanto, responder às suas demandas.

Integrar uma elite intelectual foi o ponto de partida de alguns(mas) professores(as) negros(as) para a revisão de representações negativas, e quando este(a) tornava-se um docente, adquiria um elemento satisfatório para superar a subalternidade, pois ao circular no meio educacional, político e principalmente no meio intelectual, alcançando postos sociais elevados, estabelece, assim, um movimento de ascensão social em que a classificação ocupacional e a mobilidade profissional incorporam ao negro um status social³.

Sendo assim, trataremos do processo educacional vivenciado pelos professores(as) negros(a) Alfredo José da Silva, Raquel Pereira Andrade e Francisco José de Sant' Anna, que residiram na cidade de Caetité, Tanque Novo e Rio de Contas respectivamente. Professores negros, sobrevividos de famílias humildes que, com muita dificuldade, conseguiram ingressar em uma escola, percorrendo ao Ensino Normal e tornando-se membros de uma elite intelectualizada, por meio da aquisição da profissão docente e conseqüentemente a garantia de um status social.

Vários foram os mecanismos criados por negros e negras para acessar/pertencer à instrução e depois fazer parte de uma rede de professores advindos da Escola Normal. Ser professor era profissão de prestígio e que agregava vantagens que outras classes profissionais não dispunham como um instituto de previdência que amparava a categoria, apesar dos baixos salários.

Na década de 1920, o país passava por grandes transformações decorrentes de diversos fatores de tendência progressista e modernista, várias reformas urbanas e principalmente no campo educacional estavam ocorrendo no país. Uma série de eventos caracterizou esses novos tempos que apontaram para grandes mudanças no país: o levante do forte de Copacabana e a Semana de Arte Moderna de 1922; a criação do partido comunista (1922); o movimento tenentista (1924), as reformas urbanas e educacionais. Esses movimentos visavam profundas transformações na educação, política, sociedade, economia, cultura, etc. O desafio republicano ainda era consolidar práticas culturais através de discursos e reformas.

Nas primeiras décadas da República brasileira, a educação assumiu um papel importante e prioritário para a construção da base no processo de modernização, para a constituição do novo, dentro das nações que se dirigiam pela ideologia do progresso. Neste contexto, Luz (2009), salienta que:

A alfabetização foi um dos grandes desafios do pensamento republicano desde a Revolução Francesa e no Brasil não foi diferente. A presença do analfabeto sempre foi vista como causa do atraso do país. A alfabetização era o caminho natural para o progresso. (LUZ, 2009; pág. 16)

A disseminação do ensino primário veio para erradicar os atrasos do país, consequências do analfabetismo, dos problemas sociais e por diversos outros fatores, a educação tornaria a salvação do Brasil; as crianças não seriam apenas letradas, mas preparadas para a vida num todo. Mais tarde uma nova estrutura de ensino começa a ser pensada, uma modalidade de ensino que contemplaria ainda mais o progresso da educação no país. Mediante a isso, a Escola Normal, instituição originada no Império, adquiriu maior importância por ser o *locus* de formar profissionalmente os futuros docentes que atuariam no ensino primário.

As Escolas Normais, desde o momento de sua institucionalização, foram importantes na mediação da cultura, ou melhor, instâncias responsáveis pela divulgação do saber, das normas e técnicas necessárias à formação dos professores.

Em Caetité a disseminação principal do ensino se deu com a implantação da Escola Normal. A Escola Normal de Caetité foi erguida em dois períodos, o primeiro foi em sua fundação no ano 1895, no dia 24 de agosto, no governo de Rodrigues Lima, este sendo natural de Caetité e governador do Estado da Bahia no período de 1892 a 1896. Contudo, a Escola Normal que foi inaugurada em maio de 1898, funcionou em um período de curto prazo, apenas cinco anos. Fechada em 1903, conseguiu diplomar apenas três turmas de professoras primárias.

A segunda fase da Escola Normal de Caetité iniciou em 21 de abril de 1926, no Governo de Góes Calmon. Góes Calmon ao assumir o governo da Bahia em 1924, reforçou em seu discurso mudanças para a instrução pública acabar com os problemas de analfabetismo que a educação enfrentava.

Os debates na sociedade e entre os especialistas da época apontavam para uma educação em que o aluno fosse preparado para a vida e para o mercado de trabalho como forma de modernização escolar. A Escola Normal de Caetité foi criada com o objetivo de melhorar a formação dos futuros docentes que assumiriam as escolas primárias das cidades circunvizinhas.

Caetité tornou-se um dos primeiros polos da formação de professores do interior baiano, abastecendo professores para o ensino primário em diversas cidades baianas e recebendo alunos de várias cidades circundantes de Caetité e também do Norte de Minas. Como elenca o jornal O CINZEL (1915), "o acesso ao ensino Normal,

não englobava as diversas massas, visto que para a inserção na instituição seria necessário a realização e aprovação em exames de admissão, destes que dificultavam a acessibilidades de alunos menos abastados”, por meio disso a exclusão era tamanha, pois estudar na Escola Normal, era um privilégio para poucos, a educação se mantinha elitista, apenas as famílias mais abastadas matriculavam seus filhos (as), muitos conseguiam estudar com o ajuda de parentes ou padrinhos que possuíam condições financeiras favoráveis para financiar seus estudos, ou sua família possuíam algum vínculo político com a elite local.

O acesso e permanência à Escola Normal era dispendioso. Poucos eram os(as) negros(as) que conseguiam romper com essas dificuldades. A fotografia abaixo⁴, da turma de formandos de 1932, oferece uma representação destes obstáculos.

Fotografia 1: Turma de formandos de 1932 da Escola Normal de Caetité, Bahia.



Fonte: Blog da família de Raquel Pereira em memória a trajetória desta.

Nota-se, que, embora o número de alunos formandos seja bastante considerável para época, era diminuta a presença de alunos negros componentes do quadro de formandos. As únicas pessoas negras na imagem eram da aluna Raquel Pereira e do Professor e Diretor da Escola Normal Alfredo José.

Fotografia 2: Escola Normal de Caetité (Hoje, Câmara de Vereadores)



Fonte: Fotografia encontrada no blog da família de Raquel Pereira em memória a trajetória desta <http://raquelprofessorinha.blogspot.com.br/2009/08/escola-normal-de-caetite.html>

A permanência no espaço escolar das normalistas apenas foi possível com estratégias. Muitas tiveram amparo das colegas de classe, que emprestavam e compartilhavam materiais, livros, etc, e também adquiriam ajuda através do dinheiro advindo do Caixa Escolar, que auxiliava muito os alunos pobres financeiramente e em serviços de saúde, artifícios estes que garantiam o acesso e permanência do aluno de classe baixa na escola. Portanto, os poucos alunos pobres que obtinham êxito nos exames admissionais conseguiram uma ascensão social ao assumir uma profissão docente, não pela remuneração que eles recebiam pelas aulas dadas, mas sim pelo status de ser professor.

2. Alguns professores negros que conseguiram acessar/pertencer a escola normal e se ascender socialmente a partir da profissão docente

A partir de agora, passaremos a tratar da trajetória dos professores Alfredo José da Silva (Caetité), Raquel Pereira de Andrade (Tanque Novo) e Francisco José de Sant'Anna (Rio de Contas).

2.1 Alfredo José da Silva 1887/1985

Alfredo José da Silva, nasceu em 20 de abril de 1887, no distrito de Baixão, na freguesia de Nossa Senhora d’Ajuda do Bom Jardim, município de Santo Amaro da Purificação, filho de Maria Afra da Costa e de Leonardo José da Silva, componente de uma família humilde e sem posses, no entanto teve oportunidade de ingressar em uma escola, de acordo o que diz sua autobiografia, que escreveu a próprio punho:

Cursei a escola particular de D. Romualda de Souza, no Engenho América, com quem aprendi as primeiras letras. Fui transferido para a escola pública estadual, do sexo masculino, de Santana de Lustosa, em 1898, regido pelo professor Deocleciano Barbosa de Castro, excelente educador. (Autobiografia de Alfredo José da Silva -1950. APMC³ – manuscritos.)

Negro e de origem humilde, adquiriu a formação na área de Letras. Estudou, inicialmente, em escola particular, em Engenho América, Freguesia da Igreja Nova, município de Alagoinhas. Depois, em escola pública estadual, do sexo masculino, da Freguesia de Santana do Lustosa, município de Santo Amaro. Alfredo José, foi um dos poucos negros que conseguiu se inserir em uma escola na qual somente os brancos e ricos tinham condições de estudar, não se sabe ao certo como ele conseguiu dinheiro para bancar os estudos, mas a partir das análises das fontes, fica subtendido que recebia ajuda financeira de alguma família abastada da região.

Em 1902 ingressou no Instituto Normal da Bahia, se formando em 1905. Exerceu o magistério na Escola Elementar do sexo masculino em Vila Velha até 1915, depois foi removido para igual cadeira no Arraial de Carrapato, na cidade de Minas do Rio de Contas. Atuou na cidade até 1919 quando foi removido para a cadeira de 2ª classe da cidade de Dr. Seabra. Em Rio de Contas mantinha boas relações com a imprensa, publicando vários artigos no jornal da cidade, *O Cinzel*, como *A Escola* (1913) e *A Escola e a Religião* (1914). Era amigo de Francisco Santana, professor primário do distrito sede de Minas do Rio de Contas e proprietário do Internato Sant’Anna

Fotografia 3: Foto autografada e presenteada a Raquel, pelo Professor Alfredo, duas semanas antes da primeira viagem dela para Tanque Novo.



Fonte: Fotografia encontrada no blog da família de Raquel Pereira em memória a trajetória desta <http://raquelprofessorinha.blogspot.com.br/2008/>

Sua remoção para Rio de Contas foi recebida com satisfação, como publicado no Jornal *O Cinzel*:

Prof. Alfredo José da Silva

Este novo distinto amigo que com zello e proficiência tem exercido o trabalhoso cargo de Professor da Escola elementar do sexo masculino em Vila Velha onde já deu diversos alunos prontos, foi removido a pedido para igual cadeira no Arraial de Carrapato onde já residiu quatro anos, tendo dado durante este lapso de tempo, sete alunos prontos e goza de geral e merecida estima. (O Cinzel Minas do Rio de Contas 15 de março de 1915 - nº6).

Em 1926 foi nomeado lente catedrático de Língua Portuguesa e Literatura Nacional da Escola Normal de Caetité, em 1927 assumiu a redação da *Revista da Escola Normal* e em 1930 foi designado para o cargo de diretor da instituição, permanecendo no posto até 1935. Considerado excelente mestre, dotado de muita competência, recebeu por diversas vezes, pela direção da escola monções honrosas por sua aptidão, como pode ser observada em registros nas atas da Escola Normal de Caetité.

Monção a congregação da escola normal de Caetité, resolve que seja consignado na acta de seus trabalhos de hoje, um voto de louvor ao ilustre professor Alfredo José da Silva, muito digno director pelo seu

amor, zelo e dedicação, como também pela alta correção e brilhante critério com que vem desempenhando as funções inerentes ao seu elevado cargo (I livro de ata da Escola Normal de Caetité - 10/11/1934).

A sua eficiência era considerada tamanha que após cinco anos de sua chegada à cidade foi indicado para ser o diretor da Escola Normal de Caetité, cargo que ocupou durante cinco anos (1930-1935).

Por decreto de 19 de março de 1930 fui nomeado Diretor da Escola Normal de Caetité, exercendo este cargo até 12 de novembro de 1935, quando fui exonerado a pedido. (Autobiografia de Alfredo José da Silva -1950. APMC – manuscritos /Caixa 01).

O Professor Alfredo, estabeleceu algumas relações de amizade com as principais lideranças políticas da cidade na época, inclusive com o senhor Ovídio Antunes Teixeira, que ocupou os cargos de prefeito, deputado estadual e senador, e que passou a ser o líder político da região, após a morte de Deocleciano Pires Teixeira. Alfredo José chegou a ser Prefeito da cidade de Caetité, por dois anos (1945 a 1948).

É oportuno dizer também que Alfredo passou a fazer parte da elite da época, visto que o mesmo conseguiu se inserir em altos cargos, inicialmente como professor, diretor e por último prefeito da cidade de Caetité, profissões estas que lhe proporcionou um importante status. Alfredo José constituiu uma biblioteca ao longo de sua vida, de 3.200 a 4.000 livros, a maioria deles foi encadernada, timbrada e catalogada com suas iniciais em letras douradas por ele mesmo, fato que demonstra a sua grande paixão e gosto pela leitura e por seus livros.

Além de possuir uma quantidade considerável de livros, costumava produzir análises sobre algumas temáticas de grande cunho social, desde a literatura brasileira, até as questões que envolvem aspectos da miscigenação do povo brasileiro, civismo, educação religiosa e até as influências de outras correntes literárias no Brasil. Parte desses escritos se encontra no acervo do APMC, e também, no Arquivo Municipal de Rio de Contas, publicados em alguns jornais da época.

Foi possível detectar em alguns escritos a sua tamanha preocupação com a educação do povo, em que o mesmo fazia apelo à sociedade, em relação ao combate ao analfabetismo.

Um povo sem civismo é um povo abrasado, é um povo inconsciente da sua personalidade, cegos aos seus deveres políticos e sociais [...] O civismo depende da instrução sem esta não se compreende aquelle. A ignorância é incompatível com nossa forma de governo, a república, que é o governo da lei, do direito ou da liberdade. (Villa Velha, 7 de Setembro de 1914 Alfredo José da Silva – O Cinzel 1914 nº 1).

Nos primeiros anos republicanos, o índice de analfabetismo no país ainda era muito grande. Jaci Menezes, exhibe dados elevadíssimos apresentados por Rui Barbosa, com relação à condição de analfabetismo referente ao ano de 1872. Segundo ela, a instrução pública não era ofertada a todos e o próprio o conceito de cidadania era bastante restrito (homens, maiores, livres, e que dispunham uma renda anual mínima que sabiam ler e escrever).

TABELA 1: PORCENTAGEM DE ANALFABETISMO NA POPULACAO LIVRE SEGUNDO PROVINCIAS - BRASIL – 1872

PROVINCIAS	POP. LIVRE TOTAL	% ANALFABETO	POP. LIVRE 5 ANOS E MAIS % ANALFAB.
TOTAL	8.419.672	6.856.594 - 81,43%	5.579.945 - 78,11%
MUNICIPIO NEUTRO	226.033	56,13	49,84
PARANA	116.162	72,61	66,84
RIO GDE DO SUL	364.002	74,03	71,84
PARA	232.622	75,62	67,76
MARANHAO	284.101	75,86	69,26
RIO DE JANEIRO	456.850	76,61	69,66
SAO PAULO	680.742	79,27	75,25
BAHIA	1.120.846	79,44	75,88
MATO GROSSO	53.750	79,68	75,76
PERNAMBUCO	752.511	80,42	77,02
SERGIPE	139.812	81,03	78,67
RIO GDE DO NORTE	220.959	81,97	78,86
ESPIRITO SANTO	59.478	83,63	80,26
PIAUI	178.427	84,43	81,41
SANTA CATARINA	144.818	84,85	80,53
GOIAS	149.743	84,87	81,81
AMAZONAS	56.631	86,57	85,31
ALAGOAS	312.268	86,59	82,48
MINAS GERAIS	1.642.449	86,60	85,53
PARAIBA	341.643	88,38	85,51
CEARA	686.773	88,46	85,54

Fonte: JACI MENEZES (1998)

Como observa-se, o índice de analfabetos nesta época era bastante crítico. Saber ler e expressar opiniões através da escrita neste período oferecia uma condição distinta de acesso à vida política e intelectual. Alfredo José da Silva experimentou muitas destas possibilidades ao assumir cargos na gestão pública, ao escrever para veículos de comunicação e ao se posicionar sobre a condução do regime republicano.

O ilustre professor negro faleceu em Caetité, no ano de 1985. O mesmo foi notabilizado em Caetité e em toda a região por seu grau de intelectualidade e pelo seu legado de grande valor consentido à comunidade Caetiteense.

3.2 Raquel Pereira de Andrade – 1916/1964

Raquel Pereira de Andrade, mulher negra, cabelos pretos e olhos castanhos, filha de Renato Pereira de Andrade e de Leonor Fagundes de Andrade, nasceu em 01 de fevereiro de 1916, sendo natural do distrito de Ceraíma, município de Guanambi. Aos quatro anos de idade, ela foi adotada pela sua tia Silvéria Maria de Jesus Fagundes, passando a morar na cidade de Caetité, onde deu início aos estudos.

Fotografia 4: Foto da Professora Raquel Pereira Carneiro (à direita 13/05/2017, à esquerda 1960).

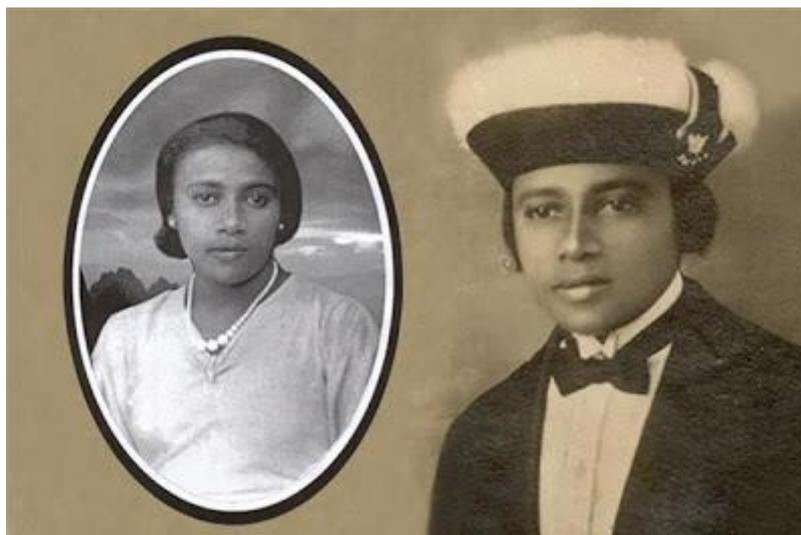


Fonte: Fotografia encontrada no blog da família de Raquel Pereira em memória a trajetória desta, <http://raquelprofessorinha.blogspot.com.br/2008/> acesso em: 15/04/2017

Segundo relatos dos netos e filhos da professora, memorados em um blog, feito para homenageá-la, Raquel Pereira Carneiro, “uma menina muito ativa, inteligente e esforçada, teve o privilégio de estudar na Escola Normal de Caetité, uma das melhores escolas da Bahia, naquela época”.

Aos 12 anos de idade, realizou o exame de suficiência para admissão no 1º ano do curso da Escola Normal. No ano subsequente, devido a sua aprovação nos exames das disciplinas do 1º ano, Raquel Pereira foi promovida ao 2º ano do curso. Um ano antes de se formar, nas férias de 1931, teve um estágio remunerado na comunidade de Juazeiro, município de Caetité, durante dois meses. Raquel Pereira formou-se pela Escola Normal de Caetité aos 16 anos incompletos, em 27 de novembro de 1932, recebendo o grau de professora primária.

Fotografia 5: Foto de Formatura de Raquel Pereira de Andrade/1932



Fonte: Fotografia encontrada no blog da família de Raquel Pereira em memória a trajetória desta, <http://raquelprofessorinha.blogspot.com.br/2008/> acesso em: 20/04/2017

Em 07 de dezembro do mesmo ano lhe é conferido o diploma de professora, sendo nomeada por concurso, pelo Diretor Geral do Departamento de Instrução Pública, o Bacharel Odilon da Costa Dorea, professora de 3ª classe em Tanque Novo, um povoado que na época contava apenas com 22 casas e uma capela. Logo de início, matriculou 30 alunos, na faixa etária de 7 a 16 anos. Além das matérias básicas: Gramática, Aritmética, História, Geografia e Ciências, ensinava também,

artesanato e bordado. As fotos abaixo retratam a imagem de duas das suas turmas, enquanto no exercício da sua profissão.

Fotografia 6: Profa. Raquel - indicada pela seta/ 1930, com uma das suas primeiras turmas.



Fonte: Fotografia encontrada no blog da família de Raquel Pereira em memória a trajetória desta, <http://raquelprofessorinha.blogspot.com.br/2008/>

Foram 32 anos de magistério, porém, com saldo bastante positivo, através de sua formação básica, muitos puderam continuar seus estudos, tornando-se professores, profissionais diversos ou funcionários públicos concursados. A imagem a seguir mostra Raquel juntamente com os alunos da última turma lecionada pela professora.

Fotografia 7: Última turma lecionada pela Profa. Raquel – 1965



Fonte: Fotografia encontrada no blog da família de Raquel Pereira em memória a trajetória desta, <http://raquelprofessorinha.blogspot.com.br/2008/> acesso em: 23/04/2017

Nota-se, através da imagem da Escola Mista, que a turma era bastante heterogênea, uma classe multisseriada, com elementos importantes para se pensar o acesso do negro a escola. Crianças negras, pobres (descalças) que começavam a ter acesso à escola; a decadência ou ausência de vestimentas uniformizadas e padronizadas para o ambiente escolar caracterizava essa escola pública republicana e representava o engajamento do professorado baiano e seu sentimento de missão cívica de formação do futuro da nação.

A professora Raquel Pereira recebia visitas periódicas de Inspetores escolares, assim também como era comum a presença deles em outras escolas para a realização de avaliação do ensino. Podemos observar em uma de suas visitas no referido Termo de Inspeção, transcrito a seguir, datado do ano de 1941, em que o Inspetor Emiliano Santos, registrou a ocasião e fez uma menção honrosa a excelentíssima professora Raquel.

Termo de Inspeção

Tive o ensejo de visitar, nesta data, a Escola Mista do Arraial de Tanque Novo do município de Macaúbas, regida pela Prof.^a Raquel Pereira de Andrade, encontrando-se em pleno exercício de suas funções, demonstrando zelo e dedicação à casa do ensino. A escola com 49 alunos de matrícula estava presente 35, sendo 16 do sexo masculino e 19 do sexo feminino a escrita está sendo feita com o interesse da novel educadora para o progresso dos seus educandos. Que continue a devotada regência desta escola bem servindo a infância desta localidade para maior grandeza da Pátria. São os meus votos.

Tanque Novo, 29 de Maio de 1941.

Emiliano Santos Ferreira

Inspetor, geral.

(<http://raquelprofessorinha.blogspot.com.br/2008/>. Acesso em 23/05/2017).

A integração dos negros à elite cultural da República foi restrita e demandava esforços coletivos. A professora Raquel Pereira conseguiu driblar muitas barreiras e preconceitos, tornando-se parte de uma elite intelectualizada. Para permanecer na Escola Normal de Caetité, Raquel Pereira contou com a ajuda financeira de uma madrinha da elite local e, internamente, foi apoiada pelo auxílio do Caixa Escolar,

instituição criada na legislação de 1925 para melhorar a frequência de alunos carentes.

Em 1943, a professora Raquel Pereira de Andrade, se casou com Arlindo Alves Carneiro e o seu nome passou a ser Raquel Pereira Carneiro. Desse casamento nasceram oito filhos, sendo seis vivos: Maria, Raquelinda, Arlindo, Edílson, Aparecido e Eloísa. Dois dos oito faleceram com poucos meses de vida, (Zélia e Joaquim).

Raquel chegou a Tanque Novo em 1933, com 16 anos, tornando-se a primeira professora formada e nomeada pelo Estado daquele lugarejo, participou ativamente, dos primeiros progressos de Tanque Novo, como a criação do Posto de Correios e da feira livre, reivindicações suas, contando com a participação de outras pessoas, inclusive de seu marido Arlindo. Devido ao alto grau do seu status social, teve grande influência e reconhecimento na comunidade Tanquenovense.

Permanecendo viva na memória e na história das pessoas da cidade de Tanque Novo, faleceu em novembro de 2008, faltando dois meses para completar 92 anos.

3.3 Francisco José de Santana 1857/1947

Francisco José de Santana, nasceu em 25 de maio de 1857, na freguesia de N.S. do Amparo das Umburanas, pertencente à comarca de Caetité e posteriormente a de Urandi. Negro, filho também de um professor negro, Martiniano José de Santana e Maria Eulália de Santana, naturais de Salvador.

A memoranda Helena Lima Santos, em um artigo intitulado "Coisas do Passado" publicado, no jornal Tribuna do Sertão (1986) referia-se ao professor Santana como "alegre, extrovertido, sempre vestido na pura elegância, trazia em seu bolso cartões de visita em que abaixo do seu nome declarava o numero de anos, meses e dias de ensino".

Em 20 de agosto de 1872, mudou-se para a capital baiana, para dar início aos seus estudos secundários. Sendo aprovado no exame de admissão, no ano seguinte, matriculou-se no 1º ano da antiga Escola Normal da Capital. Diplomou-se em novembro de 1875, sendo então nomeado para reger internamente a escola da

freguesia de Brotas e no ano seguinte foi substituído na cadeira do Rio Vermelho. Em 1876 prestou concurso para a cadeira de Brejo do Zacarias, em Pilão Arcado; em junho de 1880 conseguiu remoção para a cadeira de Nossa Senhora do Gentio, na comarca de seu nascimento. Depois, em 1890, assumiu a cadeira de São Sebastião de Caetité; em 1894 foi removido para a cadeira de Lagoa Real e reintegrado 4 meses depois à cadeira de S. Sebastião. O mesmo ocorreu em 1895, quando após remoção para a cadeira de Caculé, foi reintegrado dois meses depois à antiga cadeira de Caetité. Com a municipalização da instrução pública em 1896 foi nomeado professor municipal de Caetité, permanecendo nessa condição até 1904 quando assumiu a cadeira estadual da cidade de Rio de Contas.

Em Rio de Contas, instruiu 145 alunos com curso primário completo, aplicou por instituição os postulados da Escola Nova, entre seus educandos, introduzindo a educação física, com jogos variados, a dança, a dramatização e uma vez por semana a declamação. O professor Santana, inicialmente lecionava em sua casa, alguns anos depois manteve um colégio particular, o Internato e Externato Sant' Anna, com 38 alunos do sexo masculino, mas, em média, frequentava vinte e seis externos e seis internos.

O Internato e Externato Sant' Anna era detentor de grande fama na região, motivo pelo qual era frequentada por alunos de diferentes localidades, funcionava em dois turnos e eram ministradas disciplinas como Português, Matemática, Geografia, História, Ciência e Francês, além dos cursos de Música e Dança.

Todos os anos o professor Santana era lembrado e homenageado pelo jornal "O Cinzel" pela passagem do ano profícuo exercício da sua profissão. Ao completar 40 anos de magistério o mesmo foi agraciado com uma receptiva procissão cívica, que percorreu as principais ruas da cidade, como elenca o Jornal "O Cinzel 1916".

Prof. Santana - 40 annos de magistério

A 3 do fluente o nosso prestimoso amigo e provector Professor desta cidade Capm Francisco José de Sant' Anna, uma das glórias do professorado baiano, comemorou 40º anniversario de profícuo magistério sem um pedido de licença, sem uma só nota que o desabone, esforçando-se sempre pelo cumprimento do seu dever, o que prova exuberantemente o número de alumnos promptos elevando-se a 127. (O Cinzel 18 de novembro de 1916).

Fotografia 8: Foto do Professor Santana e seus discípulos e, a direita, o seu colega professor Marcelino José Neves da Escola Elementar/1911.



Fonte: Arquivo Municipal de Rio de Contas

A maioria dos negros no pós-abolição continuou em uma situação de marginalidade em termos de acesso à instrução e ao mercado de trabalho diante de uma nova realidade econômica no país, no entanto, o professor Santana, assim como outros professores e professoras, conseguiu construir táticas (CERTEAU, 2005) de resistência para se integrar na sociedade republicana baiana.

Um dos grandes problemas que o país enfrentava naquela época, era o analfabetismo. Em Rio de Contas, por exemplo, a população infantil era bastante grande e só havia duas escolas públicas, que por sinal não possuíam estrutura para abarcar a quantidade numerosa de crianças riocontenses.

Ali estava um exemplo vivo da deficiência da Instrução entre nós, uma prova evidente de que as duas escolas primárias de que dispomos, não comportam a população infantil desta cidade, uma prova incontestante de que aquele grupo de crianças anseia pela luz do saber, uma prova esmagadora e tristíssima de que o analfabetismo não extinguiu do nosso meio facilmente. (O Cinzel. Minas do Rio de Contas, 21 de abril de 1927 nº6. Ano I) .

Segundo alguns dados apresentados pelo jornal "O Cinzel", no ano de 1927, existia em Rio de Contas, aproximadamente, 250 crianças entre 6 a 12 anos que nunca havia frequentado a escola. O número de crianças que estava na escola, em

toda a cidade era bem pequena, sendo 55 alunas na escola do sexo feminino e 60 na escola do sexo masculino da escola pública e ainda 36 alunos matriculados no Internato Santana.

Apesar da grande precariedade na instrução pública, no Internato Sant'Anna a realidade do ensino era diferente o mesmo era considerado um colégio de excelência. Segundo o jornal O Cinzel, "a pensão dos alumnos internos é de seicentos e cinquenta mil reis pelo anno lectivo, inclusive roupa lavada e engomada [...] sendo dois ou três irmãos haverá o abatimento de 5 por cento". O Internato Santana posteriormente foi expandido abrangendo alunas do sexo feminino, e a cada ano que se passava ampliava o número alunos matriculados.

Francisco José de Santana casou-se por três vezes com moças brancas, teve 11 filhos com a sua segunda esposa, que era sobrinha da sua primeira mulher, e seu terceiro casamento foi com uma cunhada, porém não teve filhos. Era sócio do Club Rio Contense, espaço branco e de poder, participando de sua diretoria em 1906. Uma de suas filhas, Odilia Josephina de Sant'Anna foi nomeada para a cadeira mixta do Arraial da Furna.

O Professor Santana, seguiu os passos do seu pai, desempenhando a profissão de professor, exerceu o magistério por mais de 40 anos, aposentou-se em 1922 e faleceu em 29 de novembro de 1947 aos 90 anos de idade.

3. Considerações Finais

Em consonância com a atual tendência das investigações no campo da História da Educação na Bahia, que se volta para a trajetória de professores e professoras negros que atuaram ativamente na construção do Estado republicano baiano, em especial na defesa da educação pública, este trabalho apresentou a trajetória de dois professores e uma professora negros que lecionaram na região durante a Primeira República (Caetité, Rio de Contas e Tanque Novo).

A análise da documentação consultada sugere que o magistério foi um dos caminhos encontrado por jovens negros e negras para acessarem uma situação social que possibilitasse sua inclusão na sociedade republicana. A condição de

funcionário(a) público(a) e de domínio da cultura letrada permitiram a esses (as) professores (as) constituírem uma intelectualidade atuante no meio político.

O professor Alfredo José da Silva, o professor Francisco Santana e a professora Raquel Pereira de Andrade, oriundos de famílias pobres e pretas, entraram no curso normal e, a partir dessa formação profissional, foram nomeados para cargos públicos e ocuparam lugar de destaque nas cidades que atuaram, sendo reconhecidos e respeitados.

As trajetórias destes professores acenam para a arte de negros e negras de construir táticas que burlassem a situação socioeconômica do pós-abolição e da predominância de ideias eugenistas no meio cultural para uma condição de prestígio social e de reconhecimento intelectual.

Referências

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2005.

MENEZES, Jaci – “**Educação e Cor-de-pele na Bahia - O acesso à educação de negros e mestiços**”. In Bahia Análise e Dados, no. especial sobre o Negro, SEI, SEPLANTEC, 1994.

_____. “**Liberdade, Igualdade, Pluralismo e cidadania – O Acesso à educação dos negros e mestiços na Bahia**”- tese de doutoramento junto à Universidade Católica de Córdoba, Argentina, 1997.

MIGUEL, Antonieta. **O professorado primário da Bahia: formação acadêmica, normatização legal e atuação política (1889-1930)**. UNEB, 2021.

ROMÃO, Jeruse. (org.) **História da educação dos negros e outras histórias**. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

FONSECA, Marcus Vinícius. **A arte de construir o invisível: o negro na historiografia educacional brasileira**. Revista Brasileira de História da Educação, São Paulo: Editora: autores associados, nº 13, 2007

LUZ, José Augusto Ramos da. **Um olhar sobre a educação na Bahia: a salvação pelo ensino primário (1924-1928)** / José Augusto Ramos da Luz. -- Salvador, 2009.

BRANDÃO, Verônica de Jesus. **Práticas curriculares nas escolas públicas primárias: um estudo das teses apresentadas nas Conferências Pedagógicas em Salvador (1913-1915)**. Salvador: UNEB, 2012. (Dissertação de Mestrado).

CAVALCANTE, Ian Andrade. **Educando libertos, escravizados e operários: a trajetória do professor Cincinato Franca, Bahia 1860-1934**. Niterói-RJ: UFF, 2020.

OLIVEIRA, Daiane Silva. **Instrução de pobres e negros em Feira de Santana: as escolas do professor Geminiano Alves da Costa (1890-1920)**. Dissertação de Mestrado, UEFS, 2016.

SANTANA, Elizabete Conceição. A voz dos professores baianos no início da República: a Revista do Ensino Primário (1892-1893). **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas, n. 36, dez. 2009.

SANTOS, Jucimar Cerqueira dos. **Escolas noturnas para trabalhadores na Bahia (1870-1889)**. Dissertação de Mestrado, UFBA, 2017.

SILVA, Fabiano Moreira da. **Professorado municipal de Salvador: queixas, crises e greve (1912-1918)**. Salvador: UFBA, 2017.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (ORG.) **Por uma História política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SOUZA, Ione Celeste Jesus de. **Escolas ao povo: experiências de escolarização de pobres na Bahia – 1870 a 1890**. São Paulo: PUC, 2006.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelectuais e educação. **Pensar a educação em Revista**, Curitiba/Belo Horizonte, v. 1, n. 1. abr-jun, 2015.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelligentsia e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual. **Revista 16. indd**, n. 63, 2008.

¹ Graduada em Licenciatura Plena em História pela a Universidade Estadual da Bahia (UNEB- CAMPUS VI), Caetité-BA, Especializada em: - História Geral e do Brasil; - Gestão, Coordenação, Planejamento e Avaliação Escolar; - Políticas Públicas e Intervenção Social, pela Faculdade Internacional do Delta-Parnaíba- PI. Ex Bolsista do Pibid (Programa Institucional de Iniciação à Docência), Pesquisadora na área da Educação e Ascensão de Negros durante a República. Professora da Rede Municipal de Educação da cidade e Caetité.

² Pós-doutoranda no Programa em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas - UFRB. Doutora em Educação pelo programa Educação e Contemporaneidade PPGEduc/UNEB. Possui graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (1991) especialização em História do Brasil pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e mestrado em História pela Universidade Federal da Bahia (2000). Professora assistente da Universidade do Estado da Bahia - Campus VI, atuando como docente na graduação, Mestrado Profissional em Ensino, Linguagem e Sociedade – PPGELS e no Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória/UNEB; Líder do Grupo de Pesquisa Memória da Educação na Bahia UNEB/CNPQ.

³ Arquivo Público Municipal de Caetité

⁴ Vale lembrar que a remuneração do professorado baiano era muito baixa. Situação que não foi modificada com a República, ao contrário, ocorreu um rebaixamento salarial do professorado primário em relação aos colegas secundaristas.

⁵ Raquel é a primeira da esquerda. Professores que estão na foto acima: Alfredo José da Silva Professores que estão na foto acima: José F. Junqueira Ayres, Alfredo José da Silva e Antônio Meireles http://raquelprofessorinha.blogspot.com.br/2008_12_01_archive.html. 1- Agnalda P. de Castro 2- Alodilia da S. Ivo 3- Annisio Elysio Silva 4- Aurora B. Azevedo 5- Bernadina Gomes 6- Dalva M. S. Lima 7- Dulce Vianna 8- Edith F. de Castro 9- Eunice Lopes 10- Floriano Tanajura Meira 11- Gilberto da Sila Ivo 12- Guiomar Trindade 13- Herminia Q. Matos 14- Hyeront B. Neves 15- Ianie Oliveira 16- Isaltina S. Souza 17- Ithamar P. de Castro 18- Lidia C. da Silva 19- Maria Sofia Fernandes 20- Maria Froés de Castro 21- Maria das Dores Costa 22- Mário dos Santos Padre 23- Nunilla da S. Ivo 24- Olver Fagundes Vieira 25- Oscar Q. Matos 26- Ovidio S. Souza 27- Nice P. da Silva 28- Waldick C. P. Montenegro